

Esta obra está licenciada
com uma Licença Creative
Commons Atribuição-Não
Comercial-Compartilha
Igual 4.0 Internacional.

Víctor Daltoé dos Anjos 
[Universidade Federal de
Santa Catarina \(UFSC\)](http://Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC))
victordaltoe@gmail.com

Artigo recebido em:
28/10/2022

Artigo aprovado em:
07/11/2022

Artigo publicado em:
01/12/2022

Yves Lacoste e a Sierra Maestra: um geógrafo contra os geografismos

*Yves Lacoste and the Sierra Maestra:
a geographer against the geographisms*

*Yves Lacoste y la Sierra Maestra:
un geógrafo contra los geografismos*

*Yves Lacoste et la Sierra Maestra:
un géographe contre les géographismes*

RESUMO

O presente artigo examina a crítica de Yves Lacoste ao geografismo – discurso que trata o território como personagem político – da “Montanha revolucionária” em descrições sobre a guerrilha castrista da Sierra Maestra (1956-1958). Em primeiro lugar, é exposta a hipótese do geógrafo dos irmãos Fidel e Raúl Castro não premeditaram uma guerrilha prolongada na região. Em seguida, é verificada a análise multiescalar realizada por Lacoste sobre a Sierra Maestra, desde o conjunto espacial do oriente cubano ao alto vale do Rio Yara, tanto nas páginas da revista Hérodote como no livro Unidade e diversidade do terceiro mundo. A seguir, é destacada a importância da parceria intelectual entre Yves Lacoste e o geógrafo cubano Juan Perez De La Riva, que o acompanhou em suas viagens a Cuba (1963 e 1973). Por último, são lembrados os debates realizados na revista Hérodote na virada entre os anos 1970 e 1980 sobre o conceito de geografismo.

PALAVRAS-CHAVE: geografismo; Sierra Maestra; representação geopolítica.

ABSTRACT

This article examines Yves Lacoste’s critique of the geographism – a discourse that treats the territory as a political character – of the “Revolutionary Mountain” in descriptions of the Castro guerrilla in the Sierra Maestra (1956-1958). First, the geographer’s hypothesis is exposed that the brothers Fidel and Raúl Castro did not premeditate a prolonged guerrilla war in the region. Then, the multiscale analysis carried out by Lacoste on the Sierra Maestra is verified, from the spatial set of the Cuban east to the upper valley of the Yara River, both in the pages of the Hérodote journal and in the book Unidade e diversidade do terceiro mundo (1980). Afterwards, the importance of the intellectual partnership between Yves Lacoste and the Cuban geographer Juan Perez De La Riva, who accompanied him on his trips to Cuba (1963 and 1973), is highlighted. Finally, the debates held in the Hérodote journal at the turn of the 1970s and 1980s on the concept of geographism are recalled.

KEYWORDS: geographism; Sierra Maestra; geopolitical representation.

RESUMEN

Este artículo examina la crítica que hace Yves Lacoste al geografismo – un discurso que trata al territorio como un personaje político – de la “Montaña Revolucionaria” en las descripciones de la guerrilla castrista en la Sierra Maestra (1956-1958). En primer lugar, se expone la hipótesis del geógrafo de que los hermanos Fidel y Raúl Castro no premeditaron una guerra de guerrillas prolongada en la región. Luego, se verifica el análisis multiescalar realizado por Lacoste sobre la Sierra Maestra, desde el conjunto espacial del oriente cubano hasta el alto valle del río Yara, tanto en las páginas de la revista Hérodote como en el libro *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980). A continuación, se destaca la importancia de la alianza intelectual entre Yves Lacoste y el geógrafo cubano Juan Pérez De La Riva, quien lo acompañó en sus viajes a Cuba (1963 y 1973). Finalmente, se recuerdan los debates sostenidos en la revista Hérodote a finales de los años 1970 y 1980 sobre el concepto de geografismo.

PALABRAS-CLAVE: geografismo; Sierra Maestra; representación geopolítica.

RÉSUMÉ

Cet article examine la critique par Yves Lacoste du géographisme – discours qui traite le territoire comme un personnage politique – de la “Montagne révolutionnaire” dans les descriptions de la guérilla castriste dans la Sierra Maestra (1956-1958). D’abord, c’est exposée l’hypothèse du géographe: les frères Fidel et Raúl Castro n’ont pas prémédité une guérilla prolongée dans la région. Ensuite, l’analyse menée par Lacoste sur la Sierra Maestra à travers différentes échelles est vérifiée, de l’ensemble spatial de l’est cubain à la haute vallée de la rivière Yara, tant dans les pages de la revue Hérodote que dans le livre *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980). Puis, l’importance du partenariat intellectuel entre Yves Lacoste et le géographe cubain Juan Pérez De La Riva, qui l’accompagna lors de ses voyages à Cuba (1963 et 1973), est soulignée. Enfin, les débats tenus dans la revue Hérodote au tournant des années 1970 et 1980 sur le concept de géographisme sont rappelés.

MOTS-CLÉS: géographisme; Sierra Maestra; représentation géopolitique.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

1. A primeira tradução do livro *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre* para a língua portuguesa se deu em 1977 pela Iniciativas Editoriais, de Lisboa, intitulada como *A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*. No presente artigo, assim como em Anjos (2022), as referências ao título da obra se darão com base na tradução publicada em Lisboa, apenas inserindo vírgulas ao redor do termo “antes de mais nada”, mesma posição da expressão “d’abord” no título original em francês, publicada pela editora de François Maspero em outubro de 1976. Yves Lacoste afirma que aventou a possibilidade de utilizar o título de *O Príncipe e o Geógrafo* no texto Elisée Reclus: *géographicité et géopolitique*, presente no livro *Paysages Politiques* (1990, p. 238), mas que já havia sido publicado no número 22 da revista *Hérodote*, do 3º trimestre de 1981, dedicado ao geógrafo anarquista Elisée Reclus (LACOSTE, 1981c, p. 14-55).

1. YVES LACOSTE E O GEOGRAFISMO DA MONTANHA REVOLUCIONÁRIA

O presente artigo acompanha a tradução, que nós mesmos realizamos e que é publicada neste número da Revista *Geografares*, do artigo *Fidel Castro et la Sierra Maestra: un théâtre d’opérations volontairement choisi?*, de Yves Lacoste, publicado na revista *Hérodote* em seu 5º número, relativo ao 1º trimestre de 1977, p. 7-33.

O livro mais célebre de Yves Lacoste poderia ser intitulado *O Príncipe e o Geógrafo*. Era muito evidente a meta de destacar os liames entre a geografia e a política, mas o título escolhido foi *A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra* (1976)¹. As críticas incisivas à geografia tradicional presentes na obra eram uma extensão das ideias da revista *Hérodote*, fundada no início do mesmo ano. Naquele cenário de contestação intelectual, Yves Lacoste (1977a, b) realizou uma avaliação ácida ao que qualificou como um *geografismo*, isto é, uma espécie de discurso que trata um território tal qual uma entidade política. O mito da Sierra Maestra, em Cuba, como a “Montanha revolucionária” era seu primeiro alvo, e logo depois, o geógrafo mirava na ideia de que a guerrilha prolongada

na região, entre 1956 e 1958, foi premeditada pelos irmãos Fidel e Raúl Castro.

Yves Lacoste posicionou-se pela primeira vez sobre a sobredita guerrilha cubana no artigo *Fidel Castro e a Sierra Maestra: um teatro de operações escolhido intencionalmente?* O texto está presente no número 5 da revista *Hérodote*, do início de 1977, traduzido e publicado na presente edição da revista *Geografares*. Um aprofundamento da análise de Lacoste está presente no terceiro tomo da obra *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980), adaptação de sua *thèse d’État*, defendida no ano anterior e analisada por Anjos (2022).

A quinta edição da *Hérodote* (1977) era dedicada à efeméride de dez anos da morte de Ernesto “Che” Guevara, na Bolívia, enquanto montava um foco guerrilheiro. Desde o editorial, Yves Lacoste (1977a) questiona justamente a teoria do *foquismo*, sistematizada pelo filósofo francês Régis Debray em *A Revolução na revolução?* (1967) e disseminada pelo regime cubano após 1959². O geógrafo afirma que a exportação do modelo para outras regiões da América Latina trouxe derrotas sucessivas, justamente pela ausência de análises sobre as particularidades geográficas da Sierra Ma-

estra, em Cuba, e da sua guerrilha vitoriosa.

Desse modo, Lacoste (1977b, p. 12) questiona a representação da Montanha, com “M” maiúsculo, como “o berço por excelência das guerrilhas”, para evitar escolhas irresponsáveis de outros “teatros de operação” contra o imperialismo. Portanto, urgia adotar estratégias geograficamente embasadas, evitando o que chama de geogrfismo, um “meio clássico de dissimular as contradições de classe existentes entre os homens que habitam o mesmo lugar” ao “considerar lugares e espaços como atores políticos ou econômicos” (LACOSTE, 1977b, p. 32)³.

Thomas Varlin, antigo pseudônimo de Michel Foucher segundo Claval (2000, p. 246), afirmou no mesmo número da *Hérodote* que os *géographismes* são “espécies de evidências espaciais mais ou menos justificadas” que, por serem tão repetidas, causam uma “certa confusão nas representações” (1977, p. 51). Posteriormente, Lacoste (1980a, p. 27) afirmou que o geogrfismo é uma alegoria que trata um lugar, uma região ou um país, como se fosse um personagem dotado de capacidade de ação, e ignora os verdadeiros atores, como o Estado e as classes sociais. Isso é,

um artifício que cria a ilusão da ação unânime dos que habitam um território.

De todo modo, Yves Lacoste reconhecia virtudes na obra *A Revolução na Revolução?* (1967), de Régis Débray e não apenas o enaltecimento de um geogrfismo. Afinal, o livro não é apenas uma apologia da revolução cubana, deixando de lado o enaltecimento hagiográfico dos heróis guerrilheiros, por exemplo. Entretanto, o geógrafo busca uma calibragem da análise de Débray, propondo uma *démarche* geográfica, e um dos primeiros passos é diferenciar estratégia e tática como questões de escala (LACOSTE, 1977, p. 10-11). Logo, seria necessário efetuar análises diferentes sobre as dimensões territoriais diversas da província do Oriente cubano, da hinterlândia urbana das cidades de Manzanillo e Bayamo e dos próprios flancos diversos da Sierra Maestra.

De início, Lacoste coloca uma questão de teor mais geral: por que os castristas escolheram um setor costeiro da província do Oriente – que tinha Santiago de Cuba como sua principal cidade e se estendia pelo leste da ilha caribenha – para desembarcar do barco Granma ao fim de 1956? O próprio geógrafo responde que as razões eram relati-

2. Em suas referências ao sobredito livro de Régis Débray, Lacoste costuma não incluir o ponto de interrogação que acompanha o título original. Na segunda orelha do livro original, *La révolution dans la révolution? Lutte armée et lutte politique en Amérique Latine* (1967), afirma-se que o livro foi escrito em Havana, “redigido depois de longas discussões com Fidel Castro”.

3. Tradução de “moyen classique de dissimuler les contradictions des rapports de classe existants entre les hommes qui habitent un même lieu” e de “considérer des lieux, des espaces comme des acteurs politiques ou des agents économiques” (LACOSTE, 1977b, p. 32).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

vamente claras (Lacoste, 1977b, p. 14-15). Em primeiro lugar, o afastamento do Oriente em relação à capital de Cuba, Havana, onde se concentravam as forças policiais e de segurança do regime de Fulgêncio Batista. Por outro lado, Fidel Castro enxergava a necessidade de marcar suas diferenças em relação ao movimento oposicionista vinculado aos estudantes radicais da Universidade de Havana, como o *Directorio Estudiantil*.

Em seguida, Yves Lacoste modifica a escala de análise e estabelece a interrogação central de seu artigo: será mesmo que a Sierra Maestra, a zona mais montanhosa do Oriente cubano, já estava deliberadamente escolhida por Fidel Castro como teatro de operações antes do desembarque? A tripulação partiu de Tuxpan, no México, com o intuito de uma guerrilha prolongada na floresta?

Yves Lacoste segue inconsistências na própria narrativa oficial cubana. Qual o motivo dos “caminhões” deixados à disposição dos que iriam desembarcar do Granma se a ideia era se direcionar à Sierra Maestra? Se Fidel queria mesmo chegar à Sierra, por que utilizar caminhões, que seriam inúteis em terreno íngreme e florestado? Se o objetivo era alcançar a Sierra Maestra, por que não aportaram

na região onde a montanha encontra o mar, e sim a mais de 100 quilômetros a oeste, na região entre *Pilón e Niquero*, próxima ao *Cabo Cruz*, e com um atraso de três dias? Se o objetivo era uma guerrilha prolongada nas florestas, por que o plano simultâneo de uma revolta em Santiago de Cuba liderada por Frank País que chegou a ser vitoriosa por alguns dias?

2. SIERRA MAESTRA: O DISCURSO IDEOLÓGICO À BASE DE GEOGRAFISMOS

Yves Lacoste aposta em uma hipótese que diverge com o discurso oficial de Havana, com base em seus estudos de campo em Cuba, realizados em 1967 e 1973, onde teve o geógrafo cubano Juan Pérez de la Riva como seu principal guia. Diferente da lenda da Sierra Maestra, o geógrafo francês sugere que a estratégia inicial dos guerrilheiros era tomar primeiramente as cidades de Pilón e Niquero e depois alcançar a conquista de Manzanillo e Bayamo, berço de duas revoluções de independência cubanas (1868-1878 e 1895-1898), antes de marchar para Santiago (LACOSTE, 1977b, p. 19-20). Era uma tentativa de ampliar em escala a estratégia do fracassado ataque ao quartel Moncada, em 26 de julho de 1953, tentando

forçar um acontecimento espetacular que levasse à renúncia ou a queda de Batista.

Contudo, a estratégia não ocorreu como o esperado. O plano da concentração de caminhões à espera dos revoltosos foi desbaratado pelas forças do regime de Batista. O desembarque do Granma atrasou e ocorreu apenas em 2 de dezembro de 1956 de forma malograda, quando a aviação do regime já estava em ação. Resultado: as forças castristas foram massacradas e dispersadas no desastre de Alegria de Pío. Os remanescentes se reuniram em Los Corrales, à beira da Sierra Maestra, em 13 de dezembro, onde passaram a se beneficiar da relação com Crescencio Pérez, importante influência política local, que os conduziu às montanhas. Ou seja, para Lacoste (*id.*, p. 22-23), a implantação de uma guerrilha de longa duração na Sierra Maestra foi resultado do desastre da estratégia inicial, e não de um plano deliberado.

Lacoste (1977a, p. 8-9) ilustra as desventuras dos rebeldes castristas cartograficamente (Figura 1), em um mapa parcialmente reproduzido no relato sobre Cuba e a Sierra Maestra de *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980c, p. 46-47). Para além do mapa, o geógrafo segue o rastro dos seus

questionamentos anteriores: como os guerrilheiros conseguiram apoio popular na Sierra Maestra dada a apatia que muitos camponeses ofereceram a diversos movimentos revolucionários ao longo da história? Lacoste responde acionando a geografia e modifica a sua escala de análise, enfocando no oeste da Sierra Maestra, onde os rebeldes conseguiram refúgio e abastecimento, e não mais no conjunto montanhoso como um todo.

Em primeiro lugar, o flanco ocidental da Sierra Maestra era palco de profundas tensões sociais entre *precaristas*, camponeses com frágil acesso à terra, e proprietários que buscavam expandir seus domínios e expulsá-los de seus cultivos de subsistência e pequenas plantações de café. Era comum a resistência através de bandos armados, como o de Crescencio Pérez, que possuía forte influência política na região. Desse modo, segundo Lacoste (1977b, p. 24-26), o cenário era bastante diferente da vertente leste da Sierra Maestra, mais próxima de Santiago, onde o controle das autoridades já estava mais consolidado. Esse contexto local facilitou a acolhida ao grupo de guerrilheiros.

Em segundo lugar, Lacoste (*id.*, p. 27-28) destaca o profun-



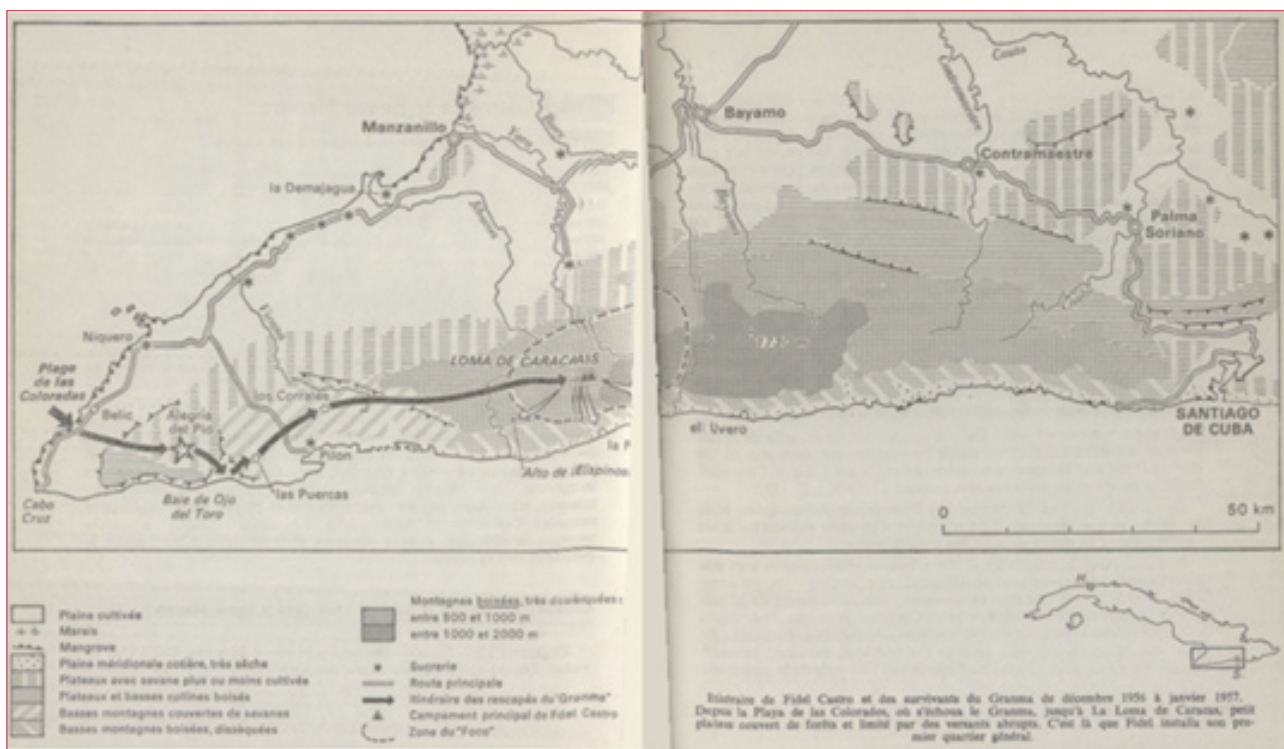
Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

do impacto ambiental causado pela migração constante dos precaristas vale acima no oeste da Sierra Maestra. O desmatamento resultava na exposição excessiva do solo às intempéries, levando à menor fertilidade, ao ravinamento progressi-

da Sierra Maestra. O geógrafo ressalta que a implementação da guerrilha na região foi facilitada pela intensidade dos laços com as cidades, tais quais Manzanillo e Bayamo. Com base no *Journal de la révolution cubaine* (1976) obra de Carlos

Figura 1 - Rota percorrida pelos sobreviventes do Granma de dezembro de 1956 a janeiro de 1957, desde a Playa de los Colorados, onde o barco encalhou, até La Loma de Caracas, onde Fidel instalou seu primeiro quartel-general



Fonte: LACOSTE, 1977b, p. 8-9. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622667v/f8.image>

4. Yves Lacoste também inclui o *Journal de la révolution cubaine* (1976), de Carlos Franqui, na bibliografia de *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980). Como fonte de informações sobre a guerrilha da Sierra Maestra, Lacoste (1977, p. 18, 20, 29) cita diversas vezes o sobredito livro de Carlos Franqui, que havia deixado a ilha em 1964, um ano antes do escritor Guillermo Cabrera Infante. Em março de 1971, foi a vez do poeta Heberto Padilla ser preso pelo regime (GOTT, p. 278).

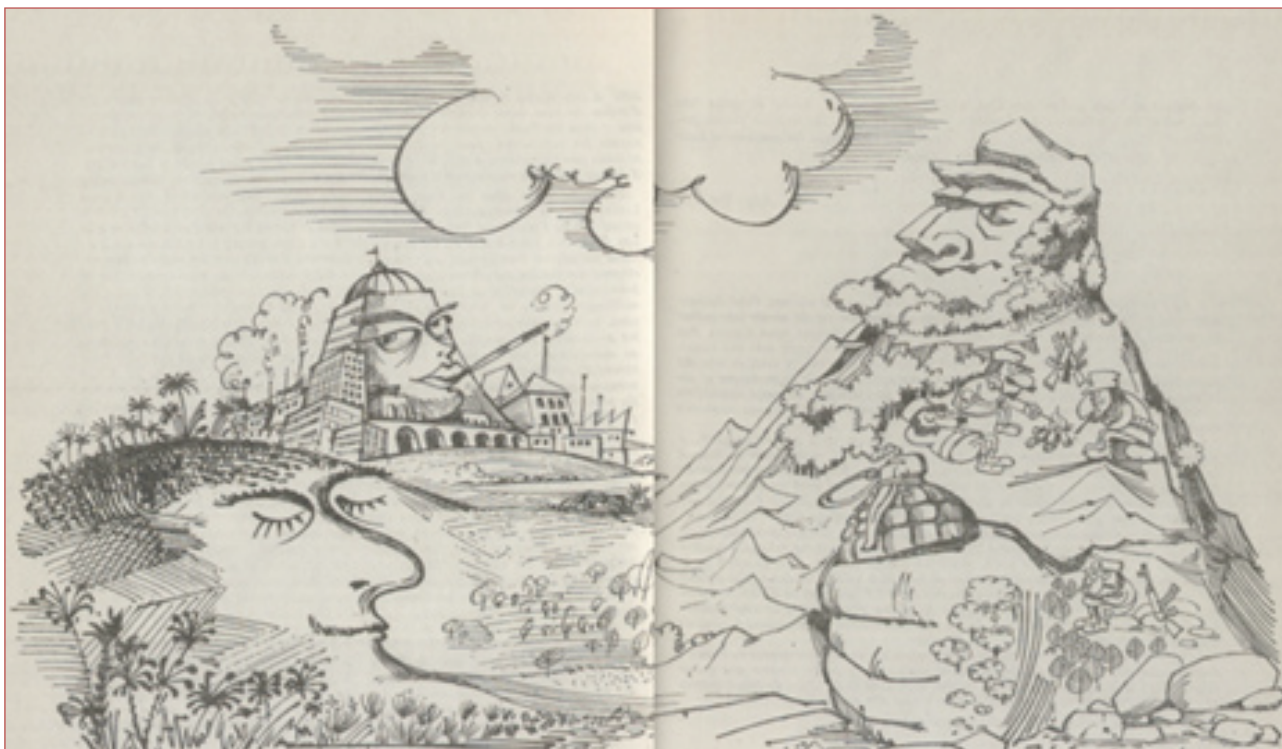
vo e facilitando deslizamentos. Isso sem contar a ocorrência periódica de ciclones. Resultado: uma insegurança ainda maior dos camponeses pobres no setor ocidental da Sierra Maestra e uma maior insatisfação social.

Por último, Lacoste (*id.* p. 29-30) destaca a importância das cidades como mais um “trunfo estratégico” ligado à geografia do flanco ocidental

Franqui⁴, importante escritor que se encontrava cubano exilado desde 1964, Lacoste destaca os contatos entre Crescencio Pérez e os militantes urbanos do Movimento 26 de Julho, ligado à liderança de Castro.

Ou seja, a dimensão urbana é colocada em evidência por Yves Lacoste, acompanhada de crítica direta à forma como Régis Debray, em *A Revolução na*

Figura 2 - Ilustração irônica do geografismo que atribui à Sierra Maestra e às cidades cubanas uma espécie de personalidade política



Fonte: HÉRODOTE, 1977, p. 36-37. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622667v/f46.item>

Revolução? (1967), havia subestimado as cidades como núcleos de “aburguesamento”. No número 5 da *Hérodote*, onde estão presentes os comentários de Lacoste sobre a Sierra Maestra, consta uma ilustração, assinada por “Jean-Hervé” ironizando o geografismo que contrapõe a cidade e a Sierra como entidades dotadas de personalidade (Figura 2). Posteriormente, Lacoste (1980c, p. 65) ressaltou que a forte influência urbana de Manzanillo e Bayamo sobre o ocidente da Sierra Maestra não condizia com as “descrições líricas da guerrilha”, voltada à floresta e ao rural (Figura 1).

Desse modo, ao colocar em evidência as característi-

cas muito particulares do caso cubano, Lacoste (*id.*, p. 30) aponta a evocação da Sierra Maestra como a “Montanha ideal, um arquétipo de todas as montanhas” como um “discurso ideológico a base de geografismos”. Ou seja, uma espécie de mito que escamoteava a situação específica dos camponeses pobres no oeste das montanhas sobreditas.

Yves Lacoste (1977b, p. 32-33) distingue a sua análise geográfica da Sierra Maestra, calibrada por diferentes escalas e dimensões territoriais, da geografia imbuída no supracitado livre de Régis Debray em *A Revolução na Revolução?* (1967). Segundo Lacoste, o fi-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

lósofo francês evoca a montanha “unicamente sob o ângulo da geografia física”, buscando encaixá-la numa espécie de “arquétipo de todas as montanhas”, resvalando em uma concepção tão topográfica como metafísica. As condições particulares do oeste da Sierra Maestra, sob o ponto de vista da “geografia humana” são deixadas de lado, ignorando o quanto os problemas geográficos são “fundamentalmente estratégicos”, e não apenas uma questão “superficial” e topográfica. Lacoste (1980c, p. 80) critica a *Geografía de Cuba* (1963), de Antonio Nuñez Jiménez, onde a Sierra Maestra é vista apenas do ponto de vista de sua geografia física e dos locais de combate guerrilheiro, e não da localização do foco de onde se consolidou a base da rebelião.

Por outro lado, no terceiro tomo de *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980c, p. 84), Lacoste inclui em sua análise um território ainda mais singular que o flanco ocidental da Sierra Maestra. Em posse de mais detalhes, o geógrafo defende que o verdadeiro núcleo que serviu de trampolim para o grupo guerrilheiro castrista foi o alto vale do Rio Yara, um dos cursos d’água que escorrem sobre a vertente noroeste da Sierra Maestra, assim como o Jibacoa.

Para Yves Lacoste, o Alto Yara foi o genuíno *foco* guerrilheiro entre 1956 e 1958, marginalizando ainda mais a ideia de uma Montanha revolucionária abstrata.

O olhar mais atento de Yves Lacoste (1980c) ao alto vale do Yara, articulando-o com outras escalas mais amplas, tem relação com o aprimoramento de sua proposta metodológica de “níveis de análise espacial”. As origens do projeto podem ser encontradas no texto *A Geografia* (1973), mas sua sistematização surgiu apenas em *A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra* (1976), e foi reproduzida em *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980) (Figura 3). Afinal, o geógrafo destaca o quanto o alto vale do Yara significava a “intersecção entre diversos conjuntos espaciais”, o que havia gerado sua singularidade (Figura 4).

Na obra *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980c), Lacoste não apenas enfoca nas particularidades do alto vale do Yara, no oriente cubano, como também lança luzes sobre as particularidades cubanas no seio da América Latina. Lugares comuns sobre a Cuba de Fulgêncio Batista e dos Castro são colocados em questão.

Figura 3 - Proposta de níveis de análise espacial, proposta por Yves Lacoste (1976c, p. 172-173)

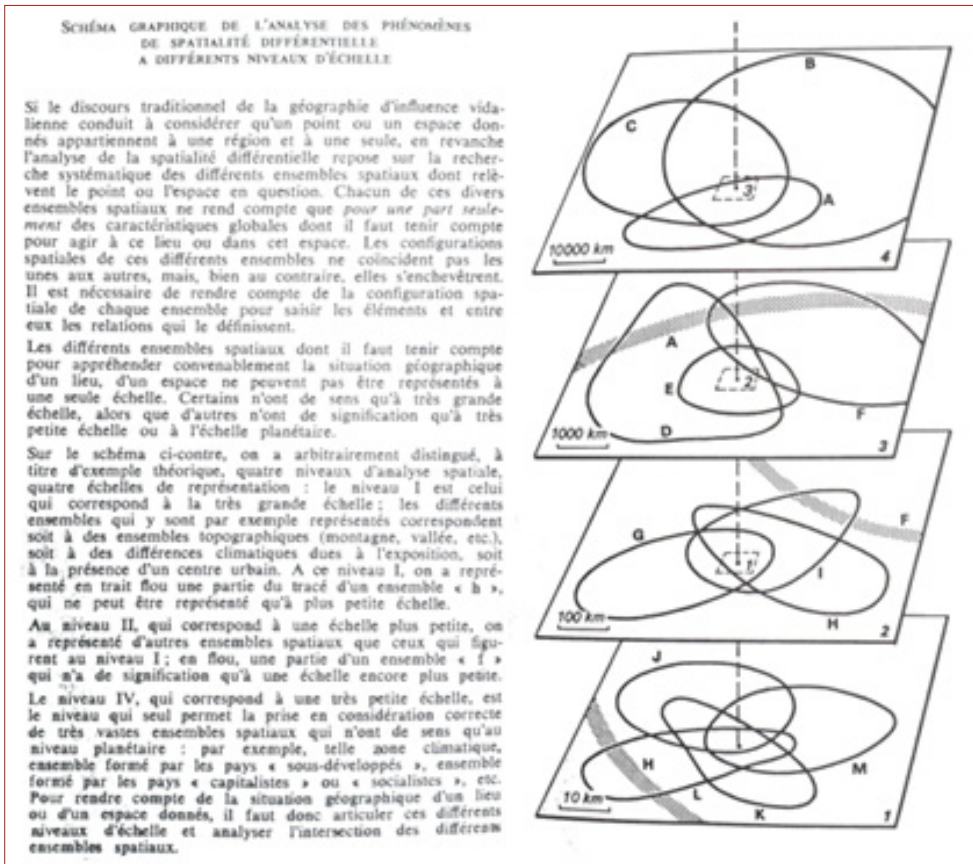
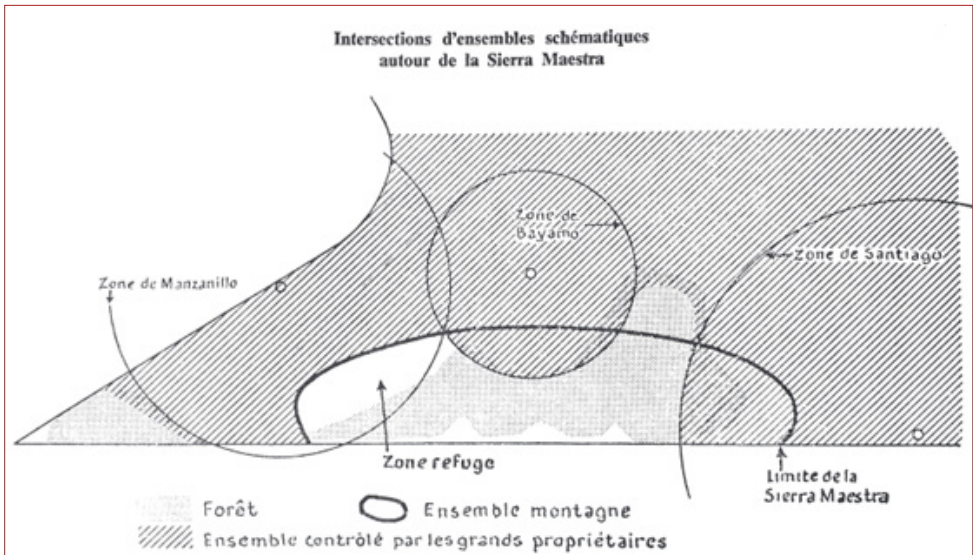


Figura 4 - Mapa das intersecções de conjuntos espaciais na Sierra Maestra (LACOSTE, 1980c, p. 82; 1984a, p. 440)



5. A obra *Unidade e diversidade do terceiro mundo, analisada por Anjos (2022)* foi lançada em três tomos em 1980 como um número da Coleção *Hérodote*, uma extensão do projeto editorial da revista homônima, no bojo da editora de François Maspero. O primeiro possui como subtítulo “Das representações planetárias às estratégias sobre o terreno”, com uma espécie de genealogia do conceito de Terceiro Mundo e uma análise multiescalar sobre os limites geográficos subdesenvolvimento. No segundo tomo estão presentes estudos de caso sobre o “vale deserto” do Volta Branco, no antigo Alto Volta, e o “delta superpovoado” do Rio Vermelho, no Norte do Vietnã, e o terceiro tomo discorre sobre a Grande Cabília, na Argélia, e a Sierra Maestra, em Cuba, dois “focos revolucionários nas montanhas” ao longo da história. A obra *Unidade e diversidade do terceiro mundo* foi relançada em 1984, em um tomo único e sem modificações de conteúdo, pela editora *La Découverte*, de François Gèze, que adquiriu os direitos de François Maspero.

3. TERCEIRO MUNDO: O LUGAR DE CUBA NA AMÉRICA LATINA

Em *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980)⁵ Yves Lacoste reuniu quatro dos estudos de caso realizados em países subdesenvolvidos desde a década de 1960, incluindo o delta do Rio Vermelho, no Vietnã, o Vale do Volta Branco, no antigo Alto Volta, a Grande Cabília, na Argélia e a Sierra Maestra, em Cuba. Em relação à maior ilha caribenha, há uma interrogação de fundo: por que os Estados Unidos não realizaram uma intervenção militar na ilha caribenha durante a década de 1960, mesmo que tivessem profundos interesses econômicos em Cuba? Por que a ofensiva militar se deu no muito longe, no Vietnã? Para responder a essas questões, Yves Lacoste (1980c, p. 16) mergulha na “especificidade da evolução da formação social cubana no conjunto da América Latina” e afirma que a difusão do geografismo da Sierra Maestra como “montanha revolucionária” teve uma função política que se verá a seguir.

O intelectual francês Raymond Aron ([1983] 2018, p. XXXVI) afirma que a “zona do Caribe e a América Central foram historicamente uma zona imperial na medida em que os Estados Unidos, sem incluírem

aqueles pequenos países em sua zona de soberania, deram-se o direito de empregar a força militar para neles defenderem interesses econômicos”. Ou seja, o autor recusa a ideia de que os Estados Unidos tenham exercido uma dominação imperial sobre toda a América Latina, esse “Extremo-Occidente”, nas palavras de Alain Rouquié ([1987] 1991). O olhar sobre as nuances geográficas também é adotado por Yves Lacoste (1980c, p. 23), que destaca, em nota, que:

É geralmente passado em silêncio nos livros que tratam de Cuba e que tendem a dar uma visão sem nuance nem contradição do imperialismo americano. Entretanto, como nós veremos, as contradições, ao menos no plano político, representaram um papel relativamente importante⁶.

O geógrafo francês destaca o “New Deal” nas relações entre Estados Unidos e Cuba a partir de 1933. Naquele ano, a chegada do democrata Franklin Delano Roosevelt ao poder fez com que os Estados Unidos abandonassem o apoio ao ditador Gerardo Machado. Além disso, ocorreu a revogação da Emenda Platt, um dispositivo constitucional de 1902 que permitia a Washington intervir facilmente na política cubana. A base na Baía de Guantánamo foi a única concessão da qual Roosevelt não abriu mão (*id.*, p. 22-24). Como destaca Arechavaleta ([2017] 2018), o líder militar

Fulgêncio Batista manteve-se como o pivô da política do país a partir da queda de Machado.

Sobre as décadas seguintes à Política da Boa Vizinhança e ao fim do regime machadista, Lacoste retrata uma ilha com índices socioeconômicos avançados em relação ao restante da América Latina e de nações europeias. Sem deixar de ressaltar a força da “dominação neoimperialista” (*id.*, p. 28) dos Estados Unidos, Lacoste afirma que essa influência também se traduzia “pela importância do papel da imprensa e uma relativa liberdade de expressão”, enquanto o cotidiano dos cubanos era preenchido por uma vida política “movimentada e complicada” (*id.*, p. 30).

Entretanto, para responder à questão do porque os Estados Unidos não intervíram diretamente em Cuba no pós 1959, Lacoste insiste nas figuras de Fulgêncio Batista e Fidel Castro, e de suas relações nada óbvias com Washington.

Lacoste (*id.*, p. 88) ressalta as oscilações na relação entre Fulgêncio Batista e os comunistas, inserindo os períodos de aproximação entre essas duas forças políticas no contexto da orientação reformista adotada pelo militar depois de eleito diretamente em 1940. O molde para o estreitamento dos laços

era o da “frente antifascista”, enquanto o mundo era aturdido pela 2ª Guerra Mundial (1939-1949). O geógrafo destaca também a própria constituição de 1940, que consolidou a redemocratização – iniciada com a revolução de 1933. Para Lacoste (*ib.*), a nova carta magna havia atraído a desconfiança e descontentamento da “oligarquia”, com destaque para os temas da autonomia universitária e da legislação trabalhista progressista.

Antes ainda do retorno do regime constitucional, em 1940, Fulgêncio Batista percebeu a necessidade de modificar a “concepción autoritaria represiva” que vinha sendo aplicada no sentido de uma “estructura populista corporativa”, segundo Arechavaleta (2018, p. 42). Gott (2006, p. 168) afirma que a Constituição cubana de 1940 possuía “um forte conteúdo social-democrata”:

[...] os trabalhadores ganharam o direito constitucional à jornada de trabalho de 8 horas, à semana de 44 horas e a um mês de férias remuneradas, e ainda pensão, previdência social obrigatória e indenização por acidente; a liberdade de associação e o direito de voto em eleições e referendos foram concedidos a todos os adultos com mais de 20 anos; e as mulheres ganharam pela primeira vez o direito de votar.

Túlio Donghi (2006, p. 291-292) afirma as eleições de 1944 colocaram no poder um opositor a Fulgêncio Batista: Ramón Grau San Martín, do Partido

6. Tradução de “Il est généralement passé sous silence dans les livres qui traitent de Cuba et qui tendent à donner une vision sans nuance ni contradiction de l’impérialisme américain. Comme nous le verrons, les contradictions, au moins sur le plan politique, ont cependant joué un rôle relativement important” (LACOSTE, 1980c, p. 23).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

Revolucionário Autêntico, venceu o pleito, e ainda elegeu seu sucessor, Carlos Prío Socarras, em 1948. Escândalos de corrupção estimularam a oposição do Partido Ortodoxo, “cuja campanha moralizadora encontra vasto eco” no rumo das eleições de 1952. A campanha foi interrompida, entretanto, pelo golpe militar que inaugurou uma nova ditadura, comandada por Fulgêncio Batista. De todo modo, os ortodoxos continuaram expressando “a opinião das classes elevadas e daquelas médias urbanas”, ambiente do qual partiu a resistência de Fidel Castro à nova ditadura de Batista, também influenciado pelo meio universitário.

Lacoste estava atento ao golpe de Batista em 1952. O geógrafo afirma que Fidel Castro denunciou a violação da constituição, na época como “membro do Partido ortodoxo, partido de direita violentamente anticomunista, sobretudo preocupado com a legalidade e a luta contra a corrupção” (LACOSTE, *id.*, p. 89). Gott ([2004] 2006, p. 173) afirma que a maioria dos apoiadores de Fidel Castro no ataque ao quartel Moncada, em julho de 1953, “vinha da ala jovem do Partido Ortodoxo”.

No que diz respeito ao castrotrismo, Lacoste (*id.*, p. 86) defende a posição de que Wa-

shington via com bons olhos a guerrilha de Fidel Castro, pelo menos nos primeiros anos. Em 24 de fevereiro de 1957, o New York Times publicou uma matéria simpática aos guerrilheiros castristas, após a estada do jornalista Herbert Matthews na Sierra Maestra, inclusive enaltecendo que o grupo era hostil aos comunistas. Alguns meses mais tarde, Fidel Castro foi entrevistado em uma reportagem emitida pela CBC. Além disso, a partir do verão de 1957, Earl Smith assume como embaixador americano em Cuba, expressando hostilidade em relação a Fulgêncio Batista. Não é por menos que em 13 de março de 1958, os Estados Unidos declaram um embargo na venda de armas à ilha (LACOSTE, *id.*, p. 86), fato também destacado por Donghi (1975, p. 292).

Logo, o geógrafo questiona as representações comuns sobre o período que envolve a ascensão dos Castro, entre 1956 e 1958, e a queda de Batista, comumente apresentado apenas como um “fantoche neoimperialista, instrumento das grandes empresas estrangeiras e a da oligarquia autóctone”. A reprodução dessa versão, principalmente após 1959, se conformava ao “esquema clássico de análise do imperialismo” (*id.*, p. 86), e é aqui que o geografismo

destacado no texto mostra seu possível efeito político. Lacoste (2010, p. 108) afirmou que a utilização da “metáfora geógrafo da Montanha vitoriosa” teve um propósito bastante útil durante a tomada do poder pela guerrilha castrista no despertar de 1959. O objetivo era esconder, por um lado, a relação de animosidade vigente entre o governo de Fulgêncio Batista e os Estados Unidos e, por outro, a complacência do governo americano em relação à tomada do poder por Fidel Castro, antes da ruptura no contexto da Guerra Fria.

4. JUAN PEREZ DE LA RIVA: O GEÓGRAFO COSMOPOLITA

A influência do geógrafo cubano Juan Pérez de la Riva é incontornável para compreender a abordagem de Yves Lacoste sobre a Sierra Maestra e a realidade cubana. Pérez de la Riva foi o encarregado de servir como anfitrião, guia e tradutor do geógrafo francês em sua primeira viagem a Cuba, em 1967, e tornaram-se “profundamente amigos” (LACOSTE, 2010, p. 103).

O geógrafo cubano acompanhou novamente Lacoste quando esse visitou a ilha em 1973, convidado por Havana após alcançar notoriedade internacional por seu relatório sobre o Vietnã. A trajetória de vida

do “precioso e excelente amigo” (LACOSTE, 2013, p. 225-232) foi descrita pelo geógrafo francês em diversas ocasiões (LACOSTE, 1977, p. 138-143; 1980c, p. 38; 2010, p. 112; 2018, p. 151-152).

Em *Antes que anoiteça* ([1992] 2009, p. 94), livro autobiográfico de Reinaldo Arenas, escritor cubano dissidente, constam impressões do autor sobre Pérez De La Riva:

Tivemos um excelente professor de geografia econômica que falava de tudo, menos da sua matéria. Contava-nos acerca de suas viagens pelo mundo, pela África, pelo deserto, como tentara montar um camelo que se recusava a sair do lugar. Falava das suas experiências amorosas em Paris, das mulheres que o amaram, falava de literatura, citava-nos os grandes escritores. Era um humanista, um homem com profundo senso artístico. Chamava-se Juan Pérez de la Riva [...].

Juan Pérez de la Riva Pons nasceu em Biarritz, em 1913, na França, em uma família cosmopolita, de origem cubana, francesa e americana. Em Cuba, foi preso por protestar contra a ditadura de Gerardo Machado (1925-1933), exilando-se na França, onde graduou-se em geografia e história, em Grenoble. de la Riva retornou à maior ilha caribenha na década de 1940, pois a brutalidade da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) se expressou na prisão da esposa, uma professora escolar de origem judaico-polonesa. A libertação dessa última levou o casal



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

a fugir para o Caribe.

O geógrafo Juan Perez de la Riva se tornou opositor à ditadura de Batista, instalada em 1952, e ofereceu seu apoio ao regime instalado em 1959 sob a liderança dos Castro. Contudo, sua posição parece ter divergido gradualmente daquela oficial. Sobre Pérez De La Riva, Reinaldo Arenas (2009, p. 94) continua:

Mais tarde caiu em desgraça e tentou o suicídio por várias vezes, sem sucesso. Procedia de uma família milionária e era um dos líderes da revolução. Foi um dos poucos da sua família que aceitou a mudança social e permaneceu em Cuba. Podia ir a Paris para visitar a família, mas, a cada vez que viajava, atirava-se de uma ponte com a esperança de se suicidar [...].

Em suas memórias, Yves Lacoste (2018, p. 155-156) deixa registrada a sua proximidade pessoal com Juan Pérez de la Riva e as vicissitudes pessoais desse último. Enquanto realizavam sua pesquisa de campo na Sierra Maestra em 1973, movimentando-se em um caminhão soviético e sob uma tempestade elétrica, o geógrafo cubano confidenciou a Lacoste que havia tentado o suicídio, mas as autoridades haviam feito de tudo para que o desígnio não se concretizasse. Questionado pelo francês sobre as causas de tal ato, Pérez de la Riva rodeou, mas reconheceu que o regime estava interditando a geografia

humana, por conta da proscrição soviética a tudo que recorresse à geopolítica. No lugar da geografia sobrava o privilégio à história.

Lacoste (2018, p. 155-156) afirma ter sido nessa ocasião que teve contato com o fato de que, depois do Pacto Hitler-Stálin, de agosto de 1939, e do início da guerra entre a Alemanha Nazista e a União Soviética, em junho de 1941, a geopolítica havia sido banida por Moscou, e a geografia desidratada em nome apenas dos conhecimentos físicos. O mesmo modelo havia sido transplantado para sua aliada caribenha. É possível supor que Lacoste questionou com veemência o geografismo da “Montanha Revolucionária” mirando a seguinte contradição: o mesmo regime cubano que marginalizava a geografia sob os auspícios soviéticos era aquele em que um mito eminentemente geográfico – Montanha Revolucionária versus Planície Tirana – era arquitetado como fato inquestionável.

As posições heterodoxas de Pérez de la Riva em relação ao regime castrista podem explicar o fato de que Lacoste publicou suas impressões sobre Cuba e a Sierra Maestra apenas após a morte do geógrafo cubano, que faleceu em Havana ao fim de 1976, em decorrência de um

câncer na garganta. O dado é curioso, pois nos casos dos estudos de campo no antigo Alto Volta (1966), no Afeganistão (1966) e no Vietnã (1972), artigos de Lacoste com as suas análises foram publicados logo depois das viagens, fosse em revistas científicas ou em jornais de grande circulação, como o *Le Monde*⁷. No caso das experiências do geógrafo francês em Cuba (1967 e 1973), um tempo maior se passou antes que os resultados fossem impressos no quinto número da revista *Hérodote* – 1º trimestre de 1977 –, que também inclui um texto de homenagem a Juan Pérez de la Riva.

Para além da influência de Juan Pérez de la Riva, a crítica de Yves Lacoste ao geografismo da Sierra Maestra como “montanha revolucionária” deve ser compreendida no bojo de sua desconfiança crescente em relação ao terceiro-mundismo. Para Lacoste ([1993] 1995, p. 1.501-5; 2003, p. 383; 2018, p. 230-231), esse movimento político projetava esperanças revolucionárias sobre a “representação geopolítica” dos países subdesenvolvidos, cujos contornos são analisados pelo geógrafo em *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980). Como ficou evidente em *Contra os antiterceiro-mundistas e con-*

tra certos terceiro-mundistas (1985), o autor passou a atribuir as mazelas do subdesenvolvimento tanto aos agentes do imperialismo como à própria irresponsabilidade dos governos de nações descolonizadas.

A crítica de Yves Lacoste ao terceiro-mundismo emergiu notadamente a partir de 1979, na ocasião das guerras entre o Vietnã e o Camboja de Pol Pot, que tinha a China como sua aliada. Como analisado em Anjos (2021), o geógrafo afirma que a guerra entre três estados comandados por partidos comunistas levou ao ressurgimento do termo “geopolítica” na imprensa francesa, proscrito no segundo pós-guerra (LACOSTE, 1990, p. II). A crítica aos geografismos estava acompanhada, deste modo, do questionamento do terceiro-mundismo e logo deu lugar à proposta de uma nova geopolítica forjada nas reuniões editoriais da revista *Hérodote*.

5. HÉRODOTE: DOS GEOGRAFISMOS ÀS REPRESENTAÇÕES GEOPOLÍTICAS

A inclusão do termo geografismo nos debates intelectuais ocorridos na revista *Hérodote* surgiu justamente com os comentários de Lacoste sobre Cuba (1977a,b), mas a utilização do conceito se restringiu a poucos artigos nos anos seguin-

7. As viagens de Yves Lacoste ao Alto Volta (atual Burkina Faso) e ao Afeganistão resultaram na publicação de artigos no *Bulletin de l'Association de Géographes Français* (Lacoste, 1966; 1967) e sua passagem pelo Vietnã, no verão de 1972, ficou registrada no célebre artigo do *Le Monde*, em 16 de agosto, intitulado como “Les bombardements de digues sont délibérés”. Yves Lacoste denunciou em diversas ocasiões a proscricção da geopolítica pelos soviéticos. Vide LACOSTE (1990, p. XIV), seu prefácio à obra *Quand l'Allemagne pensait le monde: Grandeur et décadence d'une géopolitique*, de Michel Korinman.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

8. Tradução de “*Par ailleurs, ces géographismes sont aussi des idées malfaisantes dans la mesure où elles évitent de nommer les vrais acteurs. Ce ne sont pas les régions, les villes ou les pays qui luttent, qui décident, qui exploitent, mais des groupes sociaux, c'est-à-dire des hommes et des femmes qui, même s'ils habitent une même ville, une même région, un même pays, n'ont pas les mêmes intérêts. Or les géographismes les représentent comme s'ils étaient absolument solidaires, simplement en habitants, ce qui masque les patrons et les ouvriers, ceux qui ont du pouvoir et ceux qui n'en ont guère. Il faut les nommer clairement pour les aider ou les combattre*” (GIBLIN, 1977, p. 35).

tes. No 13º número da revista *Hérodote*, relativo ao 1º trimestre de 1979, o corpo editorial anuncia que a edição seguinte do periódico seria sobre os “Euro-geografismos”, em busca de avaliar “os papéis políticos e ideológicos das representações geográficas” relacionadas à Europa (HÉRODOTE, 1979, p. 3). A ideia se concretizou em um número duplo, cujo editorial estampa uma definição de geografismo como “a metamorfose de um espaço geográfico em uma entidade, um indivíduo que atua”. A presença desse artifício seria particularmente frequente e variada nos discursos que tratavam da Europa, o alvo principal de Béatrice Giblin (1977), assim como a Sierra Maestra havia sido o de Lacoste na tiragem anterior da *Hérodote*.

Béatrice Giblin (1977, p. 18) detecta geografismos quando ações, projetos e sentimentos são atribuídos a espaços e não a indivíduos. A autora diferencia dois tipos de atitudes nesse caso: geografismos ligados a nomes comuns, como a “montanha que luta”; e a denominações próprias, tendo como exemplos as regiões francesas, como o “Norte industrial”, a “Lorena heroica”, a “Borgonha truculenta”. A gravidade do uso desses termos estaria ligada ao baixo teor de precisão, ignorando

qualquer convenção e procedimento cartográfico, e, principalmente, à ilusão de simplicidade que se encontra embutida. Os atores desaparecem, enquanto o espaço se torna dotado de uma personalidade atuante e pensante (GIBLIN, *id.*, p. 19).

Giblin (*id.*, p. 36) conclui que:

Além disso, esses geografismos são também ideias perniciosas, na medida em que evitam nomear os verdadeiros atores. Não são as regiões, as cidades ou os países que lutam, que decidem, que exploram, mas os grupos sociais, isto é, os homens e as mulheres que, mesmo habitando uma mesma cidade, uma mesma região, um mesmo país, não possuem os mesmos interesses. Ora, os geografismos os representam como se fossem absolutamente solidários, pelo simples fato de serem habitantes, o que oculta quem são os patrões ou os empregados, os que detêm o poder e aqueles que não têm. É necessário nomear claramente para lhes ajudar ou lhes combater (GIBLIN, 1977, p. 35)*.

Yves Lacoste não utiliza o conceito de geografismo nas duas primeiras edições de *A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*, de 1976 e 1982, mesmo que faça referência a “argumentos de tipo geográfico que impregnam o discurso político” (1976, p. 9-10), “representações do espaço” (*id.*, p. 24) e “alegorias espaciais” (*id.*, p. 98). O alvo preferencial do autor era a “região-personagem”, herança da tradição vidaliana, e a ideia de “*pays*”, expressão que escondia o Estado e a política por trás do

território. Foi esse mesmo tipo de crítica ácida que o autor direcionou ao mito da Sierra Maestra, destrinchando suas intencionalidades políticas, e onde o conceito de geografismo se encaixou de forma adequada à tarefa de desmistificação.

Yves Lacoste ([1985] 2012, p. 63-65) inclui o conceito de geografismo na 3ª edição de *A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*, de 1976 e 1982 – revisada e ampliada, de 1985 – considerando-o como metáforas que transforma porções do espaço em forças políticas. Essa espécie de questionamento era uma das expressões do próprio projeto editorial da revista *Hérodote*, um dos pilares do movimento de renovação crítica da geografia, que se deu dos dois lados do Atlântico a partir da década de 1970.

No Brasil, Antônio Carlos Robert Moraes ([1988] 2005, p. 11) defendeu uma postura mais atenta às “representações e discursos referentes ao território”, tratadas pelo autor como “ideologias geográficas”. Com base num arco de autores que vai de Antonio Gramsci a Yves Lacoste, o geógrafo brasileiro coloca a questão central de “como as concepções do espaço atuam na construção material do espaço num dado país, e como atuam na própria representação

do país” (MORAES, *id.*, p. 33), priorizando o corte nacional. As ideologias geográficas seriam aquelas decorrentes das relações entre a “construção do espaço” e de suas “imagens coletivas”.

A constatação de que Moraes ([1988] 2005) prefere “ideologia geográfica”, e não geografismo, pode ter relação com sua predileção por autores marxistas, como Antonio Gramsci e György Lukács, mas também por outra razão: o termo se torna raro nas páginas da revista *Hérodote* nos anos e décadas seguintes, praticamente desaparecendo. Por outro lado, a ideia de representação geopolítica emergiu como componente teórico mais importante. A transformação deve ser compreendida em meio ao processo de consolidação da proposta de uma nova geopolítica pelo periódico, ensaiada no editorial de Yves Lacoste intitulado “D’autres géopolitiques”, do 2º trimestre de 1982 e explicitado na mudança de seu subtítulo logo a seguir, de *stratégies-géographies-idéologies* para *revue de géographie et géopolitique*.

A revista *Hérodote* havia surgido em 1976 propondo uma espécie de “guerrilha epistemológica” contra as posições da geografia tradicional, como expresso no seu primeiro edito-



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

rial, intitulado “Attention, géographie!” (HÉRODOTE, 1976, p. 3-7). Lacoste (1983, p. 3-5) afirma que essa foi a razão pela qual o subtítulo inicial não foi “revista de geografia”, dado o teor de profunda crítica no qual estava imbuído o novo projeto editorial. Contudo, a consolidação do periódico levou à adequação da ideia de que o que se buscava era outra geografia, que dessa vez poderia atrelar-se a um raciocínio geopolítico progressista e diferente daquele proscrito pelo trauma da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesse contexto, o conceito de representação geopolítica passa a ser central nas páginas da *Hérodote*, por destacar as imagens e argumentos desenhados pelos diferentes atores em suas manobras pelo poder e o território, enquanto o de geografismo é diminuído em seu uso.

Em seu tratado sobre fronteiras, Michel Foucher ([1988] 1991, p. 33), integrante do corpo editorial da revista *Hérodote* até o início da década de 1990, oferece uma definição de *representação geopolítica*:

Eu entendo por representação geopolítica uma combinação seletiva – própria ao grupo que a produz – de imagens emprestadas a diversas categorias do campo sócio-histórico e que são recompostas de maneira a formar um conjunto espacial cuja denominação é, ao mesmo tempo, o símbolo e o *slogan* de um pro-

jeto político cartografável. Ela tem valor de ícone e exprime um ‘grande desígnio’ (FOUCHER, *id.*, p. 33)⁹.

No *Dicionário de Geopolítica* ([1993] 1995), com verbetes escritos por mais de quarenta pesquisadores e que consolida posições adotadas nas páginas da *Hérodote*, Yves Lacoste ([1993] 1995, p. 1278) ressalta que a análise das “situações geopolíticas” deveria ser acompanhada do olhar sobre as “ideias geopolíticas”. As “rivalidades de poder sobre o território”, centro de suas preocupações, se expressariam em “representações” antagonistas sobre o espaço, cuja disseminação ficava ainda mais em evidência com a ampliação da liberdade de expressão e imprensa. Nesse contexto, os geografismos se tornam uma face específica das “representações geopolíticas”, cujo exemplo principal seria o das nações.

Na década de 1990, as páginas da revista *Hérodote* passam a estampar cada vez mais estudos sobre as nações, vistas por Lacoste (*id.*, p. 1279-1280) como a representação geopolítica mais importante. O debate sobre o fenômeno nacional era fértil desde o decênio anterior, com obras de Eric Hobsbawm e Ernest Gellner, além de Benedict Anderson ([1983] 2008), com sua proposta das nações

9. Tradução de “J’entends par représentation géopolitique une combinaison sélective d’images empruntées à diverses catégories du champ socio-historique propre au groupe qui la produit, et qui sont recomposées de manière à former un ensemble spatial dont la dénomination est à la fois le symbole et le slogan d’un projet politique en principe cartographiable. Il a valeur d’icône et exprime un ‘grand dessein’” (FOUCHER, [1988] 1991, p. 33).

como “comunidades politicamente imaginadas”. Nesse contexto, o conceito de geografismo passa a ser cada vez menos comum na revista sobredita, assim como na obra de Yves Lacoste, enquanto a complexidade das nações como “representações geopolíticas” ganha cada vez mais destaque.

Contudo, é possível que as reflexões sobre os geografismos tenham justamente se tornado um pressuposto embutido nas teorizações sobre as “representações geopolíticas”. Para Yves Lacoste (*id.*, p. 1279), as representações expressam dois principais sentidos. O primeiro é “teatral”, quando as ideias dizem respeito aos valores projetados sobre um grupo como em busca de mobilizá-los, demovê-los e suscitar emoções. É a “geografia com drama”, para fazer uma referência ao protesto de Jean Dresch¹⁰, focando nos dramas que se desenrolam ao longo da história das populações. O segundo sentido tem relação com o mapa, no momento em que as representações geopolíticas são acopladas a uma dimensão espacial, materializando reivindicações específicas. Segundo o geógrafo francês, a reunião entre essas “imagens, valores e dramas” resultaria num elemento tido como clássico no discurso político: a transformação dos

territórios em atores antagonistas na história, os chamados geografismos.

CONCLUSÃO

Yves Lacoste escreveu *A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra* (1976) no Caribe, em viagem à Martinica. O geógrafo foi convidado por Alexandre Piqueras, arquiteto de origem peruana e seu antigo conhecido, a visitar esse departamento ultramarino francês. O intuito era auxiliar em um estudo na comuna de Le Lorrain, mas o assassinato do prefeito local trouxe reforço policial e dificultou as pesquisas. Lacoste resolveu passar uns dias na antiga casa colonial que Piqueras possuía, a poucas dezenas de quilômetros de Fort-de-France, a capital da ilha. Às margens da Martinica, escreveu a sua obra mais famosa¹¹.

Contudo, não foi a Martinica e sim Cuba, a maior ilha caribenha, que levou Lacoste a incluir em seus comentários o termo geografismo, um comportamento que atribui ao território as intenções e ações que dizem respeito a atores políticos. É possível concluir que o geógrafo nunca deixou de atribuir importância a esse termo. Em entrevista a Pascal Lorot, Lacoste (2010, p. 104) afirma que o “papel dos geógrafos deve ser

10. Na conclusão de *Unidade e diversidade do terceiro mundo*, Yves Lacoste cita uma frase de Jean Dresch que serve como brado contra a antiga geografia descritiva e tradicional: “Chega de geografia sem drama!” (1980c, p. 194).

11. O relato sobre a experiência de Yves Lacoste na Martinica está presente em suas memórias (Lacoste, 2018, p. 211-212), mas referências também estavam presentes na segunda edição de *A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*, na qual Lacoste (1982, p. VI) reafirma que a obra foi escrita em um “período de isolamento”, na Martinica.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

de advertir contra a ilusão dos geografismos”. Ao referir-se ao caso da Sierra Maestra, o geógrafo afirma que um geografismo é uma “feição de estilo pela qual a evocação de um conjunto geográfico (montanha, ilha, região, etc.) permite não designar precisamente as forças políticas minoritárias ou majoritárias que, sobre certa porção de território, conduzem tal tipo de ação, deixando crer que toda a população participa” (*ib.*).

Desse modo, o conceito de geografismo revela uma potencialidade de ser operacional nas análises sobre as relações entre território e poder, notadamente ao servir para desvelar argumentos políticos embutidos de roupagens geográficas. A própria preocupação sobre as diferentes representações geopolíticas projetadas sobre o território pode ter como um de seus componentes a observação mais atenta sobre as “metáforas geografistas” polvilhadas nos discursos. ●

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1983], p. 336.

ANJOS, V. D. Atenção, política! Yves Lacoste na crítica ao terceiro-mundismo e aos estudos pós-coloniais. *Terra Brasilis (Nova Série)*. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 15, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/8150>. Acesso em: 19 jul. 2022.

ANJOS, V. D. Yves Lacoste: linhagens do Terceiro Mundo como representação geopolítica. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (CFH/UFSC), Florianópolis: 2022, p. 212. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237229>. Acesso em: 7 nov. 2022.

ARECHAVALETA, C. M. *La democracia republicana en Cuba: actores, reglas y estrategias electorales, 1940-1952*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, [2017] 2018, p. 482.

ARENAS, R. *Antes que anoiteça*. Tradução de Irène Cubric. Rio de Janeiro: BestBolso, [1992] 2009.

ARON, R. *Paz e guerra entre as nações*. Tradução de Sergio Bath. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, Editora Universidade de Brasília, [1962-1983] 2018.

CLAVAL, P. Géopolitique de gauche: Yves Lacoste, Hérodote and the French radical geopolitics. In: *Geopolitical Traditions: a century of geopolitical thought*. Klaus Dodds e David Atkinson (org.). Londres, Nova York: Routledge, 2000, p. 239-267.

DONGHI, T. H. *História da América Latina*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1974] 1975, p. 391.

FOUCHER, M. L'Europe des professeurs. *Hérodote*, n. 14-15, 2º-3º trimestre, 1979, p. 212-240.

GIBLIN, B. Attention, géographismes! Litanies de l'Europe, terre promise'. *Hérodote*, n. 14-15, 2º-3º trimestre, p. 17-36, 1979.

GOTT, R. *Cuba: uma nova história*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [2004] 2006, p. 428.

HÉRODOTE. Géographisme illustre: Ville et la Sierra. *Hérodote*, n. 5, 1º trimestre, p. 36-37, 1977.

HÉRODOTE. Attention, géographie! *Hérodote*, n. 1, 1º trimestre, p. 3-7, 1976. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5621035h/f8.image>. Acesso em: 3 nov. 2022.

HÉRODOTE. Éditorial. *Hérodote*, n. 13, 1º trimestre, p. 3-4, 1979. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622734t/f6.image>. Acesso em: 3 nov. 2022.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

HÉRODOTE. Editorial. *Hérodote*, n. 14-15, 2º-3º trimestre, p. 3-5, 1979. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56227446/f1.image>. Acesso em: 3 nov. 2022.

KORINMAN, M. *Quand l'Allemagne pensait le monde: Grandeur et décadence d'une géopolitique*. Paris: Fayard, 1990, p. 418.

LACOSTE, Y. Problèmes de développement agricole dans la région de Ouagadougou (Haute-Volta). *Bulletin de l'Association de géographes français*. n. 346-347, p. 4-18, jul-ago. 1966b. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bagf_0004-5322_1966_num_43_346_5790. Acesso em: 17 jan. 2022.

LACOSTE, Y. Kaboul et quelques problèmes de l'Afghanistan. *Bulletin de l'Association de Géographes Français*, v. 355-356, p. 32-50, 1967a. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bagf_0004-5322_1967_num_44_355_5832. Acesso em: 11 mai. 2022.

LACOSTE, Y. Les bombardements de digues sont délibérés. *Le Monde*, 16 ago. 1972. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1972/08/16/les-bombardements-de-digues-sont-deliberes_2398364_1819218.html. Acesso em: 31 out. 2022.

LACOSTE, Y. A Geografia. In: *História da Filosofia*. Ideias, Doutrinas: A Filosofia das Ciências Sociais (VII). CHATÉLET, François (org.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1973] 1974, p. 221-274.

LACOSTE, Y. La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre. Paris: François Maspero/Petite Collection Maspero, 1976c, p. 192.

LACOSTE, Y. Editorial. *Hérodote*, n. 5, p. 3-6, jan-mar. 1977a. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622667v/f8.image>. Acesso em: 1 nov. 2022.

LACOSTE, Y. Fidel Castro et la Sierra Maestra: un théâtre d'opérations volontairement choisi? *Hérodote*, n. 5, p. 7-33, jan-mar. 1977b. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622667v/f8.image>. Acesso em: 13 jul. 2022.

LACOSTE, Y. Cuba: Juan Perez de La Riva, 1913-1976. *Hérodote*, n. 5, p. 3-6, jan-mar. 1977c. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622667v/f8.image>. Acesso em: 1 nov. 2022.

LACOSTE, Y. Les objets géographiques. In: *Cartes et figures de la terre*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1980d, p. 16-23.

LACOSTE, Y. Unité et diversité du tiers monde: III - Foyers révolutionnaires dans les montagens, *Amérique Latine & Afrique du Nord*. Tomo III. Paris: François Maspero, Hérodote, 1980c, p. 208.

LACOSTE, Y. *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre* (Postface 1982). Paris: François Maspero, Petite Collection Maspero, 1982 [1976], p. 237.

LACOSTE, Y. Éditorial. D'autres géopolitiques. *Hérodote*, n. 25, 2^o trimestre, p. 3-9, 1982. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622772h/f3.image>. Acesso em: 7 nov. 2022.

LACOSTE, Y. Éditorial. *Hérodote*, n. 28, 1^o trimestre, p. 3-5, 1983. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5752644x/f8.image>. Acesso em: 7 nov. 2022.

LACOSTE, Y. Contra os antiterceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas. Tradução de Márcia Nogueira de Albuquerque. São Paulo: Editora Ática, 1991 [1985], p. 143.

LACOSTE, Y. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Tradução de Maria Cecília França. Campinas: Papirus, [1985] [1988] 2012.

LACOSTE, Y. *Paysages politiques*: Braudel, Gracq, Reclus... Paris: Librairie Générale Française, 1990a, p. 288.

LACOSTE, Y. Préface. In: *Quand l'Allemagne pensait le monde: Grandeur et décadence d'une géopolitique*. KORINMAN, Michael (org.). Paris: Fayard, 1990b, p. I-XIV.

LACOSTE, Y. Représentations géopolitiques. In: *Dictionnaire de Géopolitique*, LACOSTE, Yves (org.). Paris: Flammarion, 1995a [1993], p. 1278-1280.

LACOSTE, Y. Yves Lacoste: La Géopolitique et le Géographe. *Entretiens avec Pascal Lorot*. Paris: Choiseul, 2010, p. 270.

LACOSTE, Y. *Aventures d'un géographe*. Paris: Équateur, 2018, p. 336.

MORAES, A. C. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005 [1988], p. 158.

ROUQUIÉ, A. O Extremo-Occidente: introdução à América Latina. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1987] 1991, p. 360.

VARLIN, T. [FOUCHER, Michel]. La mort de Che Guevara: les problèmes du choix d'un théâtre d'opération en Bolivie. *Hérodote*, n. 5, p. 39-81, jan-mar. 1977. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622667v/f8.image>. Acesso em: 13 jul. 2022.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709